

CORREIO POLÍTICO

Instituto de Criminalística RJ



Morte de JK teria sido um acidente?

Serafim: o homem que duvidou da morte de JK

Os 91 anos de idade não impedem que Serafim Jardim cuide, com absoluto esmero, diariamente da memória do ex-presidente Juscelino Kubitschek. Presidente da Casa JK, em Diamantina, quando perguntam a Serafim qual é a sua especialização, ele responde: "Sou formado em Kubitschek". Tal proximidade é que fez com que Serafim Jardim duvidasse desde o início da versão oficial para a morte de JK. Foi ele o responsável por reabrir, em 1996 a investigação sobre a morte de Juscelino e de seu motorista, Geraldo Ribeiro. O ponto que levou agora a historiadora Maria Cecília Adão a elaborar relatório para a Comissão sobre Mortos e Desaparecidos Políticos pedindo nova investigação é o mesmo levantado por Serafim.

Ônibus não teria batido no automóvel

Segundo o relatório de Maria Cecília a partir de estudos do perito Sergio Erberg, não há indícios de que o carro de JK desgovernou-se após sofrer uma batida de um ônibus na sua traseira. É exatamente o mesmo que dizia Serafim Jardim quando pediu, a partir do Ministério Público de Resende, onde aconteceu o acidente, a reabertura do caso. "Fico extremamente feliz de ver que agora, quem sabe, a verdade ser finalmente revelada", disse Serafim.

Reprodução/Vídeo



Serafim Jardim: "Que a verdade apareça"

"Laudo pericial é inaceitável"

Pela versão oficial, um ônibus da Viação Cometa bateu na traseira do Opala de cor marfim conduzido por Geraldo com JK como passageiro. Essa batida teria desgovernado o carro, que atravessou o canteiro e colidiu de frente com um caminhão. O laudo técnico da época, no entanto, não traz fotos claras da traseira do carro. Não há exame de tintas para verificar se havia marcas na traseira do Opala ou do Opala no ônibus. Não foram acrescentadas fotos dos cadáveres nem de Geraldo nem de Juscelino. "O laudo pericial é inaceitável", conclui Serafim.

Notícia da morte antes

JK morreu no dia 22 de agosto de 1976. No dia 7 de agosto, o jornalista Wilson Frade telefonou para Serafim Jardim procurando confirmar a notícia de que Juscelino morreria num acidente de automóvel. Essa notícia chegou a diversos jornais naquele dia. JK estava na sua fazenda, em Luziânia. Lá localizado, o ex-presidente respondeu: "Estão querendo me matar".

POR
RUDOLFO LAGO

Ônibus

O próprio comportamento do motorista do ônibus não parece levar à conclusão de que ele teria batido no Opala. Ele parou após o acidente. Ajudou a tentar retirar das ferragens o motorista do caminhão. Depois, seguiu viagem e parou no posto da Polícia Rodoviária. Foi ele quem comunicou o acidente.

Viagem

Juscelino estava em São Paulo e decidira viajar de carro de volta para o Rio. Em São Paulo, discutira a possibilidade de participação em uma construtora. Há, porém, um estranho detalhe no trajeto. Às 16h30, na divisa entre os dois estados, o Opala entrou no Hotel Fazenda Villa-Forte. Ficou por 90 minutos.

Parada

O que Juscelino foi fazer nesse hotel? O hotel fora fundado pelo brigadeiro Milton Junqueira Villa-Forte, um dos responsáveis pela criação do Centro de Informações de Aeronáutica (Cisa). JK deixou o hotel um pouco antes das 18h. Alguns quilômetros mais adiante, logo depois, aconteceu o acidente.

Sabotagem?

As razões dessa estranha parada do carro de Juscelino nunca foram investigadas a fundo. Ele teria sido atraído para alguma reunião nesse hotel? Ali, durante o tempo em que ficou estacionado, teria sido feita alguma sabotagem no automóvel? Ou teria havido algum atentado no km 165 da Via Dutra, onde houve o acidente?

Prego

Em 1996, quando o caso foi reaberto, Serafim pediu a exumação do cadáver de Geraldo Ribeiro, que estava enterrado em Belo Horizonte. O exame feito revelou a existência de um fragmento de metal na cabeça do motorista de JK. Na época, a conclusão do exame é de queria um prego do próprio caixão.

Sarah

Em 1986, a viúva de JK, Sarah Kubitschek, deu uma entrevista na qual dizia achar "suspeita" a morte de JK. Sarah, porém, não teria avançado nas suspeitas para não atrapalhar a reabertura política. "Esperei Dona Sarah morrer para reabrir o caso", diz Serafim. Quase 50 anos depois, tudo volta a ser investigado.



Flávio afirma que dinheiro recebido de Vorcaro "foi limpo"

"Caso Flávio possui três elementos de alto impacto"

Para analista, denúncia reúne tripé para agravar crise

Por Gabriela Gallo

Suspeita de irregularidade financeira, possível uso político de recursos privados e narrativa familiar ligada ao entorno do ex-presidente Jair Bolsonaro. Para o especialista em comunicação política e marketing João Vitor Cândido está formado aí o tripé da crise, com potencial de gerar "desgaste político relevante".

Os áudios e trocas de mensagens vazadas entre o senador e pré-candidato à presidência da República Flávio Bolsonaro (PL-RJ) e o dono do Banco Master, Daniel Vorcaro, acendem uma nova crise política a cinco meses das eleições presidenciais e, especialmente, levantam o questionamento se a campanha de Flávio permanece ou não. Os áudios mostram Flávio pedindo a Vorcaro R\$ 134 milhões para financiar o filme Dark Horse, cinebiografia de seu pai, Jair Bolsonaro. Além disso, revelam uma intimidade até então desconhecida entre o senador e o banqueiro, tratado como "irmão" em vários momentos.

Para o Correio da Manhã, João Vitor Cândido identifica que os três elementos que formam o tripé têm alta capacidade de gerar desgaste por estarem fortemente no debate e na preocupação dos brasileiros.

Um problema adicional, para Cândido, é o fato de as explicações não se confirmarem. O di-

nheiro pedido por Flávio é quatro vezes maior que o orçamento total do filme O Agente Secreto, que concorreu ao Oscar este ano. E os produtores do filme, a GOUP Entertainment e o ex-ministro da Cultura Mario Frias afirmam que nenhum centavo de Vorcaro entrou no financiamento do filme. Então, para onde foi o dinheiro?

"Quando aparecem divergências entre versões, como a informação de pagamentos alegadamente feitos e a negativa da produtora responsável pelo filme, o dano político tende a aumentar porque alimenta dúvidas e mantém o tema vivo no noticiário", destacou Cândido.

"Mesmo que não haja condenação ou responsabilização formal, o simples prolongamento das apurações produz desgaste contínuo, principalmente porque o debate deixa de ser apenas jurídico e passa a ser também moral e reputacional", completou o especialista em marketing.

Posição defensiva

A reportagem ainda conversou com o cientista político e coordenador de Análise Política na BMJ Consultores Associados Lucas Fernandes. Para ele, a situação tira o campo bolsonarista da posição ofensiva que estava com relação ao governo do presidente Luiz Inácio Lula da Silva e fica obrigado a uma posição defensiva.